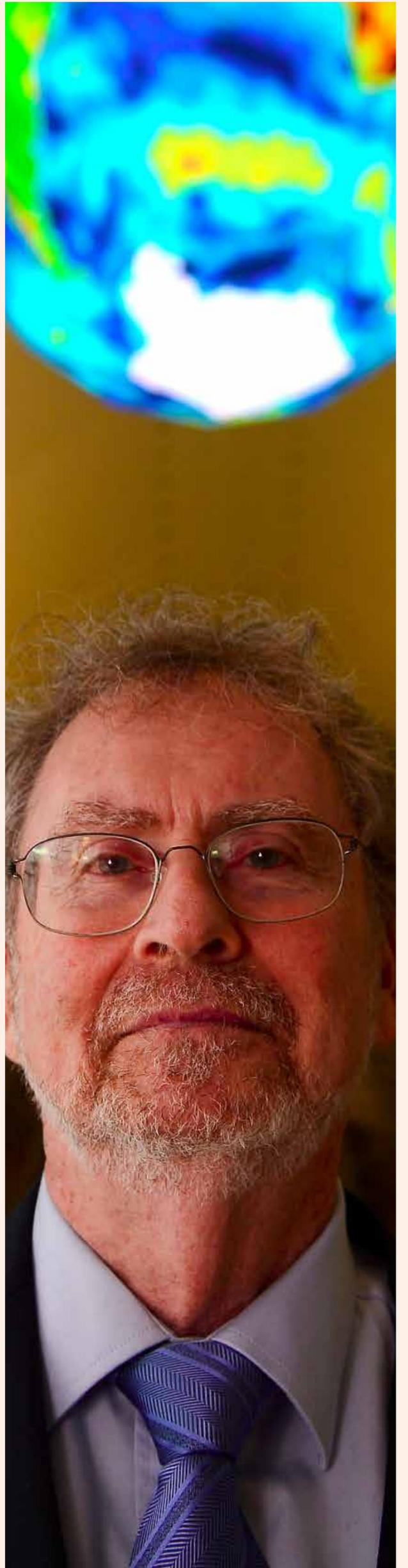


FERNANDO SOUZA



FERNANDO FRAZÃO/AGÊNCIA BRASIL



A INSPIRAÇÃO QUE VEM DA CIÊNCIA

A Semana de Integração Acadêmica transformou a UFRJ numa espécie de primavera da ciência. Desde segunda-feira, salas e corredores estão lotados de estudantes apresentando projetos e pesquisas. É a maior SIAC dos últimos anos, com 6.615 trabalhos das mais variadas áreas do conhecimento. Participam 3.374 professores e 10.616 alunos.

Na cerimônia de abertura, a plateia se espremeu, sentou no chão e enfrentou o calor para assistir à conferência da professora Tatiana Sampaio sobre regeneração medular. Docente do Instituto de Ciências Biomédicas, Tatiana ocupou a mídia nas últimas semanas com a excelente notícia de que, após 25 anos de dedicação, seu estudo está ajudando pacientes paraplégicos a voltar a caminhar.

Também encheu de orgulho e esperança a boa nova de que o professor Luiz Davidovich, emérito do Instituto de Física, ganhou o prêmio TWAS, um dos mais importantes do mundo. “A pesquisa é para iluminar, para entrar em novos territórios. Nunca transforme a pesquisa em algo burocrático”, aconselhou o professor em entrevista ao Jornal da AdUFRJ. “Não pense no que vai lhe dar mais dinheiro. Seja inovador. Trilhe caminhos que não foram percorridos por você e muitas vezes por ninguém. A emoção de descobrir coisas que ninguém mais sabe, de formar pesquisadores, de lidar com as dúvidas dos estudantes é indescritível. Dedique-se. A ciência exige esforço”.

Páginas 3 a 7

Dicionário celebra papel da Educação na democracia

> Livro lançado este mês descreve a importância do pensamento educacional brasileiro na defesa dos valores democráticos. São 186 perfis abordados em obra que já se torna referência acadêmica

ALEXANDRE MEDEIROS
comunicação@adufrrj.org.br

“O que tornou sua trajetória admirável foi a persistência na defesa da democracia e da educação para a democracia, que constituiu o motivo central de devotamento da sua vida, apesar das rupturas que lhe foram impostas pelas conjunturas políticas de 1935 e 1964. Essa defesa não foi apenas apaixonada: foi polida por uma filosofia da educação e uma compreensão aguda da história da sociedade brasileira; foi iluminada pela sua imaginação pedagógica”.

Esse é um trecho do verbete dedicado ao educador baiano Anísio Teixeira (1900-1971), escrito pela pesquisadora Clarice Nunes, um dos 186 perfis abordados na 3ª edição do “Dicionário de Educadores no Brasil — da Colônia aos dias atuais”, lançado no último dia 17 pela Editora UFRJ. Em tempos de ataque à soberania nacional, a obra de 1.236 páginas é um mosaico da construção do pensamento brasileiro no campo da Educação e de seu papel na consolidação da democracia.

“Nesse momento em que a gente tem que reivindicar a soberania do nosso país, ter a história do pensamento educacional brasileiro sistematizada a partir da Faculdade de Educação é um grande marco. Há vários educadores brasileiros perfilados nessa obra que muitos de nossos próprios estudantes não conhecem. É uma fonte de pesquisa riquíssima sobre a evolução das ideias pedagógicas no Brasil. São autores que viveram aqui e pensaram a nossa realidade”, atesta a professora Ana Paula Moura, diretora da Faculdade de Educação (FE) da UFRJ.

PESQUISA DENSA

Organizado por Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero, Jader de Medeiros Britto (1931-2024) e Osmar Fávero, o dicionário é fruto de um longo trabalho de pesquisa. A primeira edição, com 74 verbetes e 496 páginas, foi publicada pela Editora UFRJ em convênio com o MEC/Inep, em 1999. Em 2002, a segunda edição já contava com 144 verbetes e 1.088 páginas. Mais de duas décadas se passaram até a consolidação dessa 3ª edição, que é dedicada ao professor Jader de Medeiros Britto, falecido em 2024, e que agora teve seu



FOTOS: ALESSANDRO COSTA

DICIONÁRIO, com mais de mil páginas, é uma preciosa fonte de pesquisa para estudantes da Faculdade de Educação



LANÇAMENTO DO LIVRO: Libânia Xavier, Osmar e Maria de Lourdes Fávero em 17 de setembro

FOTOS: REPRODUÇÃO

nome incluído entre um dos biografados — todos já falecidos. Britto foi assistente de pesquisa do professor Anísio Teixeira.

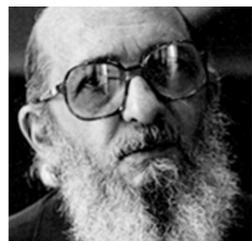
“Foi um trabalho desafiador, começamos em 2023 a organizar a 3ª edição, e tenho que registrar o apoio inestimável da pesquisadora Helena Ibiapina, sem o qual não teríamos conseguido avançar. Acompanhei as três edições do dicionário e posso dizer que o compromisso dos organizadores com essa pesquisa é algo que emociona toda a equipe da Editora UFRJ. Infelizmente, no meio do caminho perdemos um dos organizadores, o professor Jader Britto, que sempre esteve presente”, lembra Fernanda Ribeiro, diretora adjunta da Editora UFRJ. O reitor Roberto Medronho e a vice-reitora Cássia Turci participaram do lançamento.

Além dos três organizadores, o livro conta com a participação de outros 175 autores de verbetes, num gigantesco processo



ÍCONES: Darcy Ribeiro, Bertha Lutz, Cecília Meireles e Paulo Freire

colaborativo. Uma das autoras é a professora Libânia Nacif Xavier, titular da FE e especialista em História da Educação. “É



um trabalho de referência para o desenvolvimento da pesquisa educacional. Há biografias de vários educadores De José de

Anchieta a Paulo Freire, de Rui Barbosa a Darcy Ribeiro, passando por nomes como Amaro Cavalcanti, Benjamin Constant, Bertha Lutz, o padre Antonio Vieira, Florestan Fernandes, dom Hélder Câmara e Maria Yedda Linhares, o dicionário cobre desde os tempos do Brasil Colônia aos dias atuais, mas se debruça mais fortemente sobre o período entre a década de 1920 e os vinte primeiros anos do século XXI. Cada verbete traz dados da história pessoal, formação acadêmica, atividades profissionais, matrizes de pensamento, produção científica e propostas apresentadas pelos educadores para enfrentar situações desafiadoras da realidade brasileira.

Várias fontes históricas para o estudo da Educação utilizadas pelos autores estão armazenadas no Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade (Proedes), da FE/UFRJ, criado por Maria de Lourdes Fávero, que dá nome à principal sala de arquivos. “Essa obra foi praticamente concebida aqui no Proedes, temos a guarda da documentação proveniente da produção do dicionário. Fui bolsista de iniciação científica da professora Maria de Lourdes, que chamamos de Lurdinha, ela foi também minha orientadora de mestrado. Esse dicionário se deve muito ao árduo trabalho dela em pesquisa histórica, inclusive como criadora do Proedes”, enaltece a professora Ana Lúcia Fernandes, coordenadora do programa.

PRIMAVERA DA CIÊNCIA: SIAC RECEBE 6.615 TRABALHOS

> Temporada das flores começa com maior Semana de Integração Acadêmica dos últimos anos. Professora Tatiana Sampaio encantou plateia com palestra sobre cura de lesões medulares

KELVIN MELO
kelvini@adufrrj.org.br

“R ecém-iniciada, a primavera ganhou um colorido diferente na UFRJ. Desde segunda-feira, professores, alunos e técnicos apresentam uma parte da fina flor do ensino, pesquisa e extensão produzidos na universidade. É a 14ª Semana de Integração Acadêmica (SIAC) — a maior dos últimos anos, com 6.615 trabalhos (veja infográfico na página 5) — ocupando salas e corredores em todos os campi.

E uma festa do conhecimento deste porte não poderia ter um começo melhor: em grande evidência na mídia nacional com a revolucionária pesquisa sobre o tratamento de lesões medulares, a professora Tatiana Sampaio realizou a conferência de abertura. “Não posso nem descrever a honra que é ter sido convidada a falar na abertura deste evento tão importante que é a SIAC”, disse a docente do Instituto de Ciências Biomédicas.

No lotado salão nobre do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Tatiana mostrou as idas e vindas de um projeto que nasceu em 1999 na bancada do laboratório — como muitas iniciativas da SIAC —, virou estudo clínico em humanos em 2018 e, após longos 25 anos, está cada vez mais perto de se tornar um medicamento comercializado no mercado: a polilaminina.

Poli o quê? “Só para falar já é difícil. É um trava-língua. Mas a culpa não é minha. Foi um editor de revista científica que deu o nome. Para editor, a gente fala ‘sim, senhor’. Se vocês tiverem alguma ideia de como encur-



“Dou aula de história da ciência. E às vezes pergunto aos meus alunos quais são as fotos mais impressionantes da Ciência. Quem sabe daqui a alguns anos a foto citada será dos pacientes da Tatiana levantando das cadeiras?”

JOÃO TORRES
Pro-reitor de Pesquisa

tar isso, me mandem”, brincou Tatiana logo no início da apresentação, arrancando risadas da plateia.

A polilaminina é uma “malha” inventada a partir de proteínas naturais, as lamininas, presentes em várias partes do corpo e com alto poder regenerativo no sistema nervoso periférico. “Quem fez uma cirurgia, uma cesariana, perde a sensibilidade no local, porque cortou um nervo, mas a sensibilidade volta após um tempo”, explicou Tatiana.

O estudo coordenado pela docente potencializou esse efeito para a medula espinhal, onde a laminina deixa de existir poucos dias após as pessoas nascerem. E, entre 2018 e 2021, chegou a um estudo experimental com seres humanos. Os pacientes receberam injeções de polila-



FOTOS: FERNANDO SOUZA

TATIANA: “Somos independentes e podemos fazer as nossas coisas”

minina até três dias após as lesões sofridas em acidentes ou ataques por arma de fogo. Dois deles morreram por condições não ligadas ao tratamento e seis recuperaram movimentos que haviam perdido, em diferentes graus.

Em linguagem didática e descontrada ao mesmo tempo, Tatiana mostrou como a investigação científica depende de muita colaboração para sair do papel. “Que tal organizar um estudo clínico para pacientes humanos com lesão medular completa nas emergências dos hospitais públicos do Rio e injetar uma droga completamente nova na medula espinhal deles, com

pouco financiamento público?”, brincou. “Tive muita ajuda de muitas pessoas que embarcaram nessa ‘furada’, a princípio, e ajudaram a tornar a pesquisa uma realidade”, disse.

Uma dessas ajudas tornou possível a cooperação do setor produtivo, algo que representa um certo tabu nas universidades públicas brasileiras. Amigos que tinham contato com uma empresa farmacêutica de São Paulo fizeram o “meio-campo” entre Tatiana e o presidente da Cristália. As conversas avançaram para um contrato assinado em 2021 com a UFRJ. “A Cristália é brasileira. Eu tenho muito orgulho da UFRJ, mas também

muito orgulho de cooperar com essa empresa. Os anestésicos do SUS são produzidos pela Cristália. Por isso não teve gente morrendo durante a pandemia sem anestésico para poder intubar”, informou.

Hoje, a polilaminina aguarda a aprovação de um estudo regulatório em humanos — que será conduzido na USP — para poder chegar ao mercado. E, em paralelo, já avança uma pesquisa em animais para investigação dos efeitos da polilaminina em lesões crônicas, ou seja, que já aconteceram há mais tempo.

Humilde, a professora atribuiu o sucesso midiático da pesquisa ao momento atual do país, que defende a soberania dos ataques do presidente norte-americano. “Depois que apareceu no Fantástico, outros meios de comunicação se interessaram. Virou um boom. Veio ao encontro de um momento do país de a gente poder dizer que somos independentes, que podemos fazer nossas coisas”, disse. Mas não teve jeito. A pesquisadora foi aplaudida de pé pelo público e a SIAC ganhou uma abertura histórica.

Pró-reitor de pós-graduação e pesquisa, o professor João Torres arrematou: “Dou aula de história da ciência. E às vezes pergunto aos meus alunos quais são as fotos mais impressionantes da Ciência. Citam as fotos do Atol do Bikini, no Pacífico, onde foram realizadas as primeiras experiências da bomba atômica. Citam as fotos do hospital do Canadá, com crianças diabéticas tomando insulina pela primeira vez. Quem sabe daqui a alguns anos a foto citada será dos pacientes da Tatiana levantando das cadeiras?”, questionou.

“ENFRENTEM PROBLEMAS CONCRETOS COM IMAGINAÇÃO E MÉTODO”

A 14ª SIAC cresceu em relação ao ano anterior: são 6.615 trabalhos e 15.125 participantes inscritos contra 6.404 e 14.119, respectivamente, de 2024 (veja os números na página 5).

“Os números são surpreendentes. E destes mais de 6 mil trabalhos, 907 se apresentam dentro da modalidade de ensino, pesquisa e extensão, já integrados. Essa é uma tendência crescente. Temos trabalhado para que esta integração se dê de forma recorrente nas três dimensões”, disse a pró-reitora de Extensão, professora Ivana Bentes, durante a mesa de abertura do evento.

O pró-reitor de Pós-graduação e Pesquisa, professor João Torres, considera a SIAC o grande momento do calendário acadêmico. “Para mim, o momento mais especial do calendário da UFRJ é a Semana de Integração Acadêmica — e, em particular, as apresentações do PIBIC. É aqui que a universidade, apesar das adversidades, floresce à vista de todos, com a criatividade, o rigor e a generosidade que caracterizam o nosso fazer universitário”.

João Torres avaliou o evento como uma oportunidade para o diálogo entre diferentes áreas. “Procuram colaborações improváveis, misturem linguagens, compartilhem dados e ideias.



NA ABERTURA, reitoria destacou números e importância do evento

enfrentem problemas concretos com imaginação e método. A universidade pública se afirma quando transforma excelência em propósito, rigor em serviço,

conhecimento em bem comum”, completou.

Já a pró-reitora de Graduação, professora Maria Fernanda Quintela, fez um apelo para que a SIAC

cresça ainda mais. “Venho pedir um envolvimento maior. A SIAC são cinco dias letivos. Essa semana tem que ser valorizada. Nós temos que parar nossas aulas, não posso ter professor dando prova hoje”, disse.

O reitor Roberto Medronho situou a realização da SIAC no debate atual em torno da soberania do país. “Hoje se discute muito a questão da soberania. Soberania depende de ciência, tecnologia e inovação. Precisa de educação. Nós precisamos produzir nosso próprio conhecimento. Não podemos mais ficar dependentes de nenhum outro país”.

UMA FESTA DO CONHECIMENTO PARA 3.374 PROFESSORES E 10.616 ALUNOS

> Números da SIAC revelam a força de uma comunidade acadêmica que faz do estudo uma construção diária de futuro. Ao todo, 15.125 participam do evento em todas as unidades da UFRJ

RENAN FERNANDES
comunica@adufjr.org.br

Ensino, pesquisa e extensão de braços dados para todo mundo ver, em uma grande festa do conhecimento. Até sexta-feira (26), a Semana de Integração Acadêmica vai mobilizar 15.125 participantes em todos os campi da UFRJ. Serão 3.374 professores, 8.340 alunos de graduação, 2.184 de pós-graduação, 92 de ensino médio e 456 técnicos-administrativos, além de 679 inscritos de fora da universidade (veja na página ao lado os números da

edição 2025). Todos envolvidos com mais de 6 mil trabalhos de todas as áreas do conhecimento construídos com rigor científico, muitos deles interdisciplinares.

As apresentações são o alicerce da proposta de integração entre ensino, pesquisa e extensão proposto pela SIAC. A professora Christine Ruta, coordenadora do Fórum de Ciência e Cultura, se emocionou ao falar sobre a importância do evento para a UFRJ.

“Para mim, a herança mais bela que a Semana de Integração Acadêmica é que quando unimos nossos esforços, quando nos integramos, conseguimos fazer algo belo, duradouro,

que a sociedade aplaude de pé”, disse com a voz embargada desejando vida longa à SIAC. “Esse espírito de integração está presente e se repete em diversos eventos da nossa universidade”.

A pró-reitora de Graduação, professora Maria Fernanda Quintela, não poupou elogios à atividade. “É mostrar o que nós fazemos, é conhecer o que o colega do lado faz”, disse.

A docente lembrou de sua chegada à UFRJ e comparou com o momento atual. “Conheci a universidade com semanas incipientes de pesquisa, ensino e extensão. Hoje, vejo como essa atividade tomou uma abrangência muito maior”, celebrou.

“Queremos que os estudantes de graduação cheguem cada vez mais longe com o apoio da universidade, de todos os professores, técnicos-administrativos e pós-graduandos envolvidos nos laboratórios”, completou Quintela.

A professora Cássia Turci, vice-reitora, apontou a Semana como um dos eventos mais importantes na universidade. “São esses trabalhos da SIAC que vão dar margem depois a especializações, dissertações e teses”.

DIVERSIDADE

As iniciativas podem ter as mais variadas matérias como objeto de estudo. Podem ser ações educativas dentro de um hospital

universitário, o olhar sociológico para um quarto de serviço, o mapeamento de um manguezal na Cidade Universitária, a análise de pinturas brasileiras ou uma forma de ensinar árabe de forma mais agradável.

Em toda esta diversidade, apenas um consenso: a SIAC é um evento fundamental para fomentar a formação dos jovens e para dar ampla visibilidade ao que se faz na UFRJ.

O Jornal da AdUFRJ percorreu as sessões da SIAC e conversou com pesquisadores e orientadores de diferentes campos do conhecimento.

VEJA A SEGUIR alguns trabalhos apresentados.



KELVIN MELO

EDUCAÇÃO PARA ALIMENTAÇÃO MAIS SAUDÁVEL

Educar para uma alimentação mais saudável é o objetivo de um projeto de extensão que atua na sala de espera do Programa de Obesidade e Cirurgia Bariátrica (PROCIBA) do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho. “Nós sempre aconselhamos a reeducação alimentar. Muitas pessoas pensam que fazer cirurgia bariátrica vai resolver todos os

seus problemas e não é assim. Tudo é um processo”, diz a estudante Priscilla dos Santos, do 5º período de Nutrição. Ela e colega Hozana Cristina, também do 5º período, comparecem ao HU às quartas-feiras para conversar com os pacientes. “Eles falam como é a alimentação deles. Perguntam sobre algum alimento. E nós apresentamos nosso caderninho de receitas com baixo valor calórico. É muito enriquecedor para a gente”. A orientadora Eliane Rosado

reforça: “Uma coisa é a teoria; outra coisa é quando o aluno convive com o indivíduo que tem aquela enfermidade. Aqui elas consideram a questão técnica da nutrição, as questões socioeconômicas dos pacientes, as emoções e vontades”, afirma.

A docente elogia a visibilidade aos projetos oferecida na SIAC. “Dá essa oportunidade de os alunos mostrarem para o público o que estamos fazendo e ninguém vê, numa sala de espera de hospital”, completa.



KELVIN MELO

MANGUEZAL MONITORADO POR DRONE

Tecnologia a serviço da preservação da natureza. Estudante do 10º período do curso de Engenharia Eletrônica e Computação da Escola Politécnica, Arthur Beserra é um dos autores do trabalho que utiliza um drone para monitorar o manguezal da Enseada de Bom Jesus, próximo ao Parque Tecnológico. A ideia da pesquisa é aprimorar técnicas para o

mapeamento mais preciso do terreno e da vegetação, identificando pontos de degradação. “Os resultados que apresentamos são mais recentes. No futuro, poderemos compreender a situação de degradação ou regeneração do ecossistema”, disse Arthur. Em sua primeira SIAC, o estudante não escondeu o nervosismo, mas avaliou a experiência de forma positiva. “É bem divertido estar aqui, apresentar e ter o ponto de vista de outras pessoas que não acompanha-

ram o projeto”. Um dos orientadores, o professor Marcos Gallo, da Coppe, considera a SIAC fundamental para a formação dos estudantes. “É muito importante para o crescimento deles. Tentamos apoiar o máximo para que participem da SIAC. Temos até alunos sem bolsa participando”, disse. “o que a gente fala é que tentem explicar da forma mais simples possível pois os avaliadores ou colegas podem não entender nada daquele assunto”.



RENAN FERNANDES

OLHAR SOCIOLÓGICO NO QUARTO DE SERVIÇO

O quarto de serviço para trabalhadoras domésticas, localizado nos fundos das casas e apartamentos da classe média, é o objeto da pesquisa “Quarto reversível, desigualdade e trabalho doméstico”, apresentada por João Victor Evangelista, estudante do oitavo período do curso de Ciências Sociais. Seja como espaço de descanso de trabalhadores, seja con-

vertido em um escritório ou despensa da residência, João Victor considera impossível um morador não ser afetado pelo ambiente. “O quarto de serviço condensa muitas perspectivas”, disse. “Pensamos nesse quarto de forma mais ampla, como o lugar que reúne narrativas sobre ele, como a ideia de uma moradia digna para a classe média e para quem vive no quarto”, explicou o estudante. A pesquisa é um projeto da FAU com o IFCS, realizada no

Núcleo de Estudos de Sexualidade e Gênero (Neseg). O professor Jonas Deleacave de Amorim, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, é o orientador de João Victor no trabalho e comentou a importância do diálogo entre as áreas do conhecimento. “Através de uma, pensamos na outra. Podemos pensar o impacto da Arquitetura no mundo e em como a elaboração de espaços e projetos arquitetônicos marcam relações sociais”, afirmou.

RAIO-X DA SIAC

EDIÇÃO 2025

1. Participantes por vínculo:

- 1.1 – Docentes: 3.374
- 1.2 – Est. Graduação: 8.340
- 1.3 – Est. PG: 2.184
- 1.4 – Est. EM: 92
- 1.5 – TAES: 456
- 1.6 – Outros: 679*
- 1.7 – Total: 15.125

2. Total de trabalhos aprovados: 6.615

3. Total de trabalhos aprovados por área:

- 3.1 – EPE (ensino, pesquisa, extensão): 907
- 3.2 – Pesquisa: 4.827
- 3.3 – Extensão: 881

4. Total de trabalhos aprovados por Centro/Campus:

- 4.1 – FCC: 133
- 4.2 – Caxias: 72
- 4.3 – CCJE: 377
- 4.4 – CM Macaé: 751
- 4.5 – CFCH: 805
- 4.6 – CT: 654
- 4.7 – CCMN: 770
- 4.8 – CLA: 808
- 4.9 – CCS: 2.245

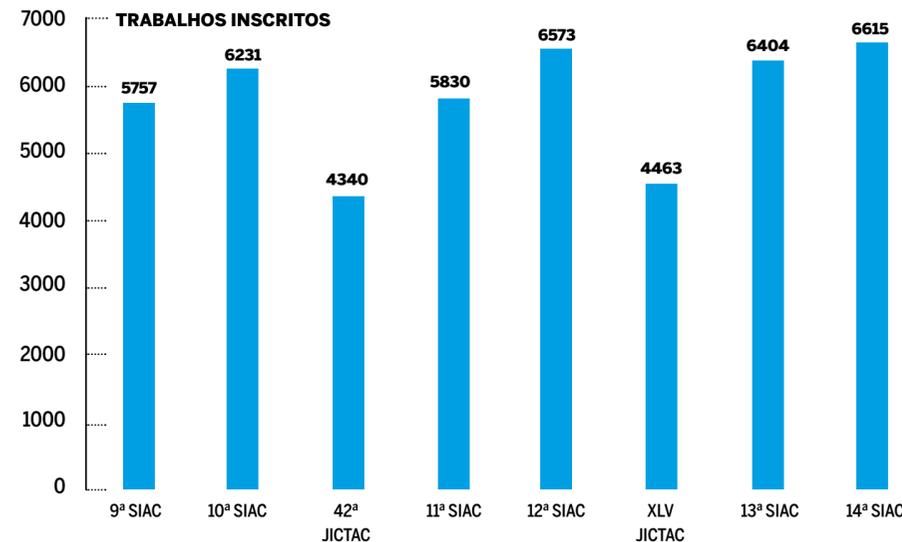
5. Total de trabalhos aprovados por área por Centro/Campus

- 5.1 – FCC: EPE (42) - PESQ (71) - EXT (20)
- 5.2 – Caxias: EPE (1) - PESQ (59) - EXT (12)
- 5.3 – CCJE: EPE (34) - PESQ (318) - EXT (25)
- 5.4 – CM Macaé: EPE (122) - PESQ (454) - EXT (175)
- 5.5 – CFCH: EPE (156) - PESQ (538) - EXT (111)
- 5.6 – CT: EPE (47) - PESQ (569) - EXT (38)
- 5.7 – CCMN: EPE (67) - PESQ (624) - EXT (79)
- 5.8 – CLA: EPE (84) - PESQ (625) - EXT (99)
- 5.9 – CCS: EPE (354) - PESQ (2.213) - EXT (322)

*Participantes externos e alunos internos sem trabalho inscrito
FONTE DOS DADOS: PR-2

PARTICIPANTES

	9º SIAC 2018	10º SIAC 2019	JICTAC 2020	11º SIAC 2021	9º SIAC 2018	JICTAC 2023-XLV	13º SIAC 2024	14º SIAC 2025
DOCENTES	2862	3370	2555	2756	3407	2886	3059	3374
ESTUDANTES GRADUAÇÃO	6237	8508	10728	6727	9186	5539	8475	8340
ESTUDANTES PÓS	1466	2353	1338	1634	2366	1202	1569	2184
ALUNOS ENSINO MÉDIO	49	59	82	113	129	72	89	92
TÉC. ADM	311	488	185	509	411	202	388	456
OUTROS	305	111	1103	193	316	396	539	679
TOTAL	11230	14896	15991	11842	15815	10297	14119	15125



6. Total de trabalhos inscritos por bolsa:

- 6.1 – PIBIC-UFRJ: 1.796
- 6.2 – PIBIC-CNPq: 1.019
- 6.3 – PIBIC Af-CNPq: 15
- 6.4 – PIBITI-CNPq: 62
- 6.5 – PIBIC-EM-CNPq: 29
- 6.6 – CNPq quota pesquisador: não encontrado
- 6.7 – IC – outras IES: 133
- 6.8 – IC-FAPERJ: 242
- 6.9 – Outros: 1.791



RENAN FERNANDES

A PAISAGEM COMO IDENTIDADE NACIONAL

Durante uma aula do curso de História da Arte, um grupo de amigos teve a ideia de pesquisar projetos de construção da identidade nacional a partir das pinturas de paisagens e suas repercussões em diferentes movimentos artísticos e contextos políticos. Foi o ponto de partida para a pesquisa “A natureza como expressão da identidade nacional no Brasil:

estudos de caso em pintura de paisagem no século XIX”. “Nessa época, se falava muito sobre a paisagem e o surgimento da nacionalidade brasileira. A Academia Imperial de Belas Artes estava buscando essa aura brasileira”, explicou Darine Ferreira, aluna do oitavo período. “É mais fácil as pessoas prestarem atenção nessa criação de identidade através de imagens”, pontuou. A estudante apresentou um estudo de caso sobre a gravura “Colheita de café na Tijuca”, de

Johann Moritz Rugendas. “Ele registrou a vida dos escravizados, onde moravam, o que comiam, o tipo de trabalho. A paisagem mostra essa complexidade que a pesquisa revela”. A professora Ana Maria Cavalcanti, da EBA, destacou a atitude dos estudantes em começar espontaneamente o trabalho de pesquisa. “Geralmente, nós professores abrimos chamadas para nossos grupos de pesquisa. No caso deles, foi o contrário, eles vieram me pedir para orientá-los”, elogiou.



RENAN FERNANDES

UM JEITO LÚDICO E ATUAL DE APRENDER ÁRABE

Gisele Silva se deparou com um problema quando começou a trabalhar como monitora de árabe no CLAC, o curso de línguas oferecido pela Faculdade de Letras. “O material que tínhamos disponível partia do inglês para o árabe, o que dificulta para o aluno falante de português”, afirmou. A dificuldade motivou o trabalho de conclusão de curso de Letras

Português-Árabe, com o título “Entre Vygotsky e Freire: caminhos para uma prática significativa para o ensino de árabe”. A estudante procurou a professora Paula Caffaro em busca de orientação. “Para desenvolvermos uma pesquisa que conjugasse sua experiência como monitora do CLAC Árabe e a abordagem sociointeracionista aplicada ao ensino de línguas estrangeiras”, lembrou. “Há uma carência grande destes materiais específicos produzidos e pensados para o público

brasileiro”, completou. Gisele iniciou a pesquisa para tornar o processo de aprendizagem mais agradável. “Em conversas com amigos e falantes nativos de árabe, encontrei músicas e materiais de influenciadores, youtubers e podcasters para trazer assuntos da atualidade para a sala de aula”. A ideia vai ao encontro da visão de Lev Vygotsky, que destaca a interação social como elemento central da aprendizagem e do conceito de educação dialógica de Paulo Freire.

LUIZ DAVIDOVICH É O VENCEDOR DO PRÊMIO TWAS APEX 2025

> Premiação é uma das mais importantes do mundo. Concedida pela Academia Mundial de Ciências, homenageia pesquisadores de países em desenvolvimento. Docente será laureado em 2 de outubro

Carioca da gema e flamenguista convicto, o professor Luiz Davidovich é uma das sumidades da UFRJ. Professor emérito e especialista em óptica quântica – ramo da física que investiga a interação da luz com a matéria –, ele foi anunciado como grande vencedor do prêmio TWAS Apex 2025. A honraria, uma das maiores do mundo, é dedicada a pesquisadores de países em desenvolvimento. No caso de Davidovich, o prêmio foi concedido por suas pesquisas na área da ciência quântica.

SILVANA SÁ
silvana@adufRJ.org.br

A brilhante carreira do professor Luiz Davidovich, de quase 50 anos de dedicação ao ensino e à pesquisa, foi inspirada dentro de casa, no Flamengo. Sua mãe, a geógrafa Fany Rachel Davidovich, foi pioneira no Brasil nas pesquisas em Geografia Urbana. “Minha mãe trabalhava no IBGE e desenvolveu uma pesquisa pioneira. A Geografia Urbana inovou muito. Ninguém fazia aquilo. Era muito mais completa, analisava muito mais variáveis e estendeu o próprio conceito da Geografia”, lembra o professor.

“Além de minha mãe ser profundamente ligada à pesquisa, o meu pai (Paschoal Davidovich) também foi fundamental nessa minha formação. Ele era engenheiro civil, mas tinha uma vasta biblioteca de História e Filosofia. Era fantástica e eu passava horas ali”, recorda.

Quando estava na antiga sétima série do ginásio (hoje oitavo ano), o curioso Luiz se inscreveu num curso por correspondência do Instituto Monitor. O objetivo, ao final, era montar um rádio em casa. “As correntes elétricas, hidráulicas, as trocas de elétrons... tudo isso me despertou mais curiosidade na área de Física”, conta.

Quando chegou a época do vestibular, Luiz Davidovich passou para engenharia na UFRJ – o curso ainda funcionava no Largo de São Francisco de Paula, no Centro – e para Física, na PUC-Rio. “Pensei em fazer os dois cursos ao mesmo tempo. O de Física começou primeiro. Lá eu tive um professor, Pierre Henri Lucie, que tinha uma maneira tão dinâmica de ensinar, que me cativou”, lembra. “Em duas semanas fiquei decidido a seguir na Física”.

Bolsista de produtividade 1A do CNPq, Davidovich tem mais de cem artigos indexados em periódicos de alto prestígio, 21 capítulos de livros e 36 orientações de mestrado e doutorado no currículo. O docente integra



FERNANDO FRAZÃO /AGÊNCIA BRASIL



ARQUIVO ADUFRJ

as Academias Europeia, Chinesa, Brasileira e Mundial de Ciências. Foi presidente da ABC de 2016 a 2022.

A carreira recheada de prêmios, no entanto, quase não pôde ser trilhada. Davidovich formou-se como físico em 1968, ano do endurecimento da ditadura militar no Brasil. “Fui atin-

gido pelo AI-5”, recorda. “Estava no mestrado há seis meses e fui expulso sem direito a ingressar em outra universidade no país”, revela. “Foi uma perversidade. Eu era um bom aluno, mas fui considerado pela ditadura como subversivo”. Ele conta um pouco mais dessa história em entrevista na página 7.

No Instituto de Física, sua “casa” desde 1994 como professor Titular, o docente é uma unanimidade. “Como colega de instituição, é uma alegria imensa celebrar o professor Luiz Davidovich pelo Prêmio TWAS APEX 2025. No Instituto de Física, o Luiz é mais do que um pesquisador de excelência: é um verdadeiro ‘role model’”, afirma João Torres, professor Titular do IF e pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa. “Sua obra científica fala por si, mas o que mais impressiona no cotidiano é o professor dedicado e inspirador – aquele que entra em sala, acende a curiosidade e nos lembra por que escolhemos a universidade pública como projeto de vida”, elogia o docente.

Torres destaca em Davidovich uma característica singular. “O Luiz, junto com outros professores eméritos, ajuda a sustentar um clima institucional saudável e respeitoso. É presença firme e conciliadora nas horas difíceis; em outra universidade no país”, revela. “Foi uma perversidade. Eu era um bom aluno, mas fui considerado pela ditadura como subversivo”. Ele conta um pouco mais dessa história em entrevista na página 7.

O pró-reitor também destaca a enorme relevância do colega para o país. “A atuação na ABC,

a defesa da ciência, a capacidade de articular comunidades e pautas estratégicas, e a projeção internacional que honra a UFRJ”, resume. “O reconhecimento da TWAS não é apenas um prêmio individual – é um sinal de que o melhor da nossa universidade pode ter alcance mundial quando se combina competência, compromisso e espírito público”.

Se arranca elogios de veteranos colegas, Luiz Davidovich também inspira os professores mais jovens. Egresso da UFRJ e professor do IF desde 2011, Carlos Zarro é só elogios. “Como calouro, já sabia que ele era um expoente e o via muito acessível. Depois, fui seu aluno num curso de informação quântica, já em 2006, e me marcaram sua gentileza, profundidade e humildade”, relata o professor. “Isso me motivou muito. Ele já era um expoente mundial em sua área, mas seguia extremamente humilde e generoso”, elogia. “Depois, como seu colega, segui muito forte a minha percepção de sua gentileza e humildade. A grande lição que ele nos dá é que não precisa viver numa torre de marfim para ser um expoente”.

ENTREVISTA | LUIZ DAVIDOVICH, PROFESSOR EMÉRITO DA UFRJ

‘A PESQUISA É PARA ILUMINAR’

DIVULGAÇÃO/ABC

■ **Jornal da AdUFRJ - Como foi viver como estudante o período da ditadura militar?**

● **Luiz Davidovich** - Fui atingido pelo AI-5. Foi uma perversidade. Eu estava no mestrado há seis meses quando fui expulso da universidade, sem direito a me matricular em outra instituição no país. Eu era um bom aluno e fui considerado subversivo. Meus professores, vendo aquilo, entraram em contato com outros brasileiros fora do país, me recomendaram, e eu fui aceito em várias universidades.

■ **Então o senhor resolveu ir para os EUA?**

● O diretor da Física da PUC era um padre jesuíta norte-americano. Ele entrou em contato com a Embaixada dos Estados Unidos. A embaixada, que tinha apoiado o golpe, estava naquele momento contra o governo. Então, me chamaram no Consulado do Rio. Eles me deram o visto de um dia para o outro e me recomendaram a sair do Brasil naquela semana. Então, eu fui embora. Na semana seguinte, a ditadura foi me procurar na minha casa.

■ **Perdeu algum colega?**

● Sim. Eu felizmente não tive a minha trajetória interrompida, mas muitos colegas tiveram. Alguns foram torturados. Um deles faleceu na Base Aérea do Galeão. Por tudo isso, me imbui da ideia que pode ser resumida na frase: ditadura nunca mais!

■ **Quando o senhor voltou para o Brasil foi para ser professor?**

● Fiz o doutorado nos Estados Unidos, depois fui para a Suíça. Voltei para o Brasil em 1977 com o convite para integrar o corpo docente da PUC-Rio.

■ **E como foi o ingresso na UFRJ?**

● Fomos um grupo de mais ou menos uns 10 professores para o IF, nos anos 1990. O reitor da época era o professor Nelson Maculan. Lá formamos o grupo de física quântica e outros grupos também se estabeleceram. O diretor do instituto, na época, era o professor Fernando Souza Barros, que foi muito importante para o nosso acolhimento.



A ciência tem poder de quebrar muros, de superar fronteiras, furar as barreiras do preconceito. Neste sentido, a cooperação internacional tem papel cada vez mais decisivo”

LUIZ DAVIDOVICH
Professor Emérito da UFRJ

■ **No mundo polarizado de hoje, qual o papel da ciência?**

● A ciência tem poder de quebrar muros, de superar fronteiras, furar as barreiras do preconceito. Nesse sentido, a cooperação internacional tem papel cada vez mais decisivo.

■ **E hoje quais são os principais desafios para a cooperação científica internacional?**

● Hoje temos um grave problema: estão sendo limitados para exportação equipamentos e peças considerados sensíveis, que podem ter aplicações para fins militares, por exemplo. Isso está limitando o desenvolvimento científico. Os EUA disseram, por exemplo, que a cooperação com a física quântica só poderia ser realizada com países parceiros nesse ramo. Não há nenhum país parceiro dos EUA na América Latina. Isso significa que não poderemos importar dos EUA equipamentos e peças ligados à física quântica. Isso é um atraso de vida. As limitações atuais são muito preocupantes para a ciência.

■ **Qual seria o caminho?**

● O Brasil precisa produzir sua própria tecnologia. Fazer inovação movida à proibição. Isso já aconteceu em outros momentos. Temos enriquecimento de urânio para permitir o funcionamento de nossas usinas, fruto da proibição da importação de urânio enriquecido. Temos uma

excelente fábrica de fibra de carbono porque não era permitido importar esse material. A fibra tem aplicação também em mísseis. Ou seja: precisamos investir mais em ciência, tecnologia e inovação. O investimento em CT&I precisa vir acompanhado de justiça social. Temos grandes vocações em muitas áreas, são possibilidades fantásticas.

■ **Num cenário muitas vezes de poucos recursos, o que o senhor pode dizer para quem pretende ingressar na pesquisa?**

● Faça contato com o seu coração, com o que você é. Seja ousado. Nunca transforme a pesquisa em algo burocrático. A pesquisa é para iluminar, para entrar em novos territórios. Não pense no que vai lhe dar mais dinheiro. Seja inovador. Trilhe caminhos que não foram percorridos por você e muitas vezes por ninguém. A emoção de descobrir coisas que ninguém mais sabe, de formar pesquisadores, de lidar com as dúvidas dos estudantes é indescritível. Dedique-se. A ciência exige esforço.

O PRÊMIO

■ O TWAS Apex 2025 é oferecido pela Academia Mundial de Ciências, fundada pelo Nobel de Física paquistanês Abdus Salam, em 1983. A organização é associada à Unesco e busca promover a ciência em países em desenvolvimento. Luiz Davidovich foi agraciado pelo conjunto de sua obra na área de ciência quântica. Ele será laureado no dia 2 de outubro, no encerramento da 17ª Conferência Geral da Academia Mundial de Ciências, que acontecerá no Rio de Janeiro. Além de uma medalha e certificado, o professor receberá um prêmio em dinheiro no valor de US\$ 100 mil. “Fiquei muito emocionado e honrado. É um prêmio muito grande, conferido por uma instituição que prezo muito”, declara Davidovich.



ISADORA CAMARGO



REPRODUÇÃO



LEO RAMOS CHAVES/FAPESP

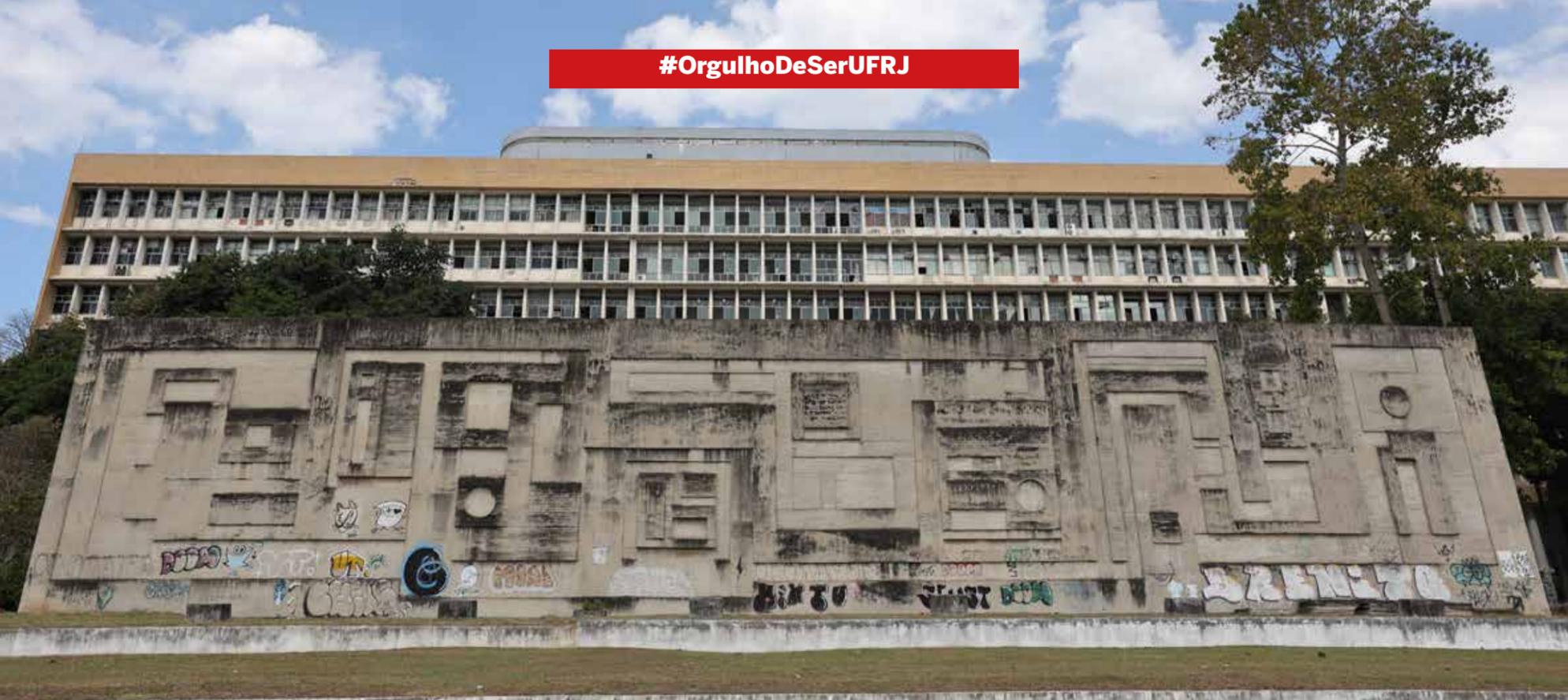


ARQUIVO PESSOAL



ALESSANDRO COSTA

PESQUISADOR de destaque internacional, Davidovich tem sua vida permeada pela ciência e pela política. Ele sempre se manteve do lado certo da história



NOS 80 ANOS DA FAU, ELOS DO PASSADO E DO FUTURO

> Anúncio do restauro do painel de Burle Marx e a valorização do legado de gerações de mestres se unem à abertura de laboratório com robôs. Data marca os 200 anos do ensino de Arquitetura no país

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufrj.org.br

O orgulho estampado no rosto da professora aposentada Ana Maria Rambauske foi a melhor tradução da cerimônia em comemoração aos 80 anos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) e aos 200 anos do ensino de Arquitetura no Brasil, na manhã do último dia 17, no histórico edifício Jorge Machado Moreira (JMM), na Cidade Universitária. “Fui da segunda turma da faculdade aqui no Fundão, em 1963. Éramos a única unidade na ilha então, vi a UFRJ crescer ao redor e passei minha vida aqui até me aposentar há 20 anos”, disse ela, emocionada, ao lado da neta Juliana, aluna do terceiro período da FAU. “É uma dinastia que segue, isso me dá muita alegria”.

Ana Maria lembrou que a paixão pela Arquitetura e pela UFRJ a levaram direto da graduação, em 1967, para a carreira docente, depois de fazer o mestrado e o doutorado na Coppe. “Atuei também como arquiteta do ETU, planejando a ocupação da Ilha do Fundão. A Arquitetura ocupava os oito andares do JMM, sendo que no oitavo ficava o curso de Urbanismo. Voltar aqui para comemorar os 80 anos da FAU me traz muitas recordações, não só daqui, mas de todo aquele clima da universidade nos anos 1960, a ebulição cultural, o lançamento da Bossa Nova no Teatro de Arena no Palácio Universitário. É uma ligação muito forte, a gente leva para a vida inteira”, lembrou ela, representando gerações de mestres.

Elos do passado e do futuro se juntaram nas comemorações. Diante de um auditório lotado, o reitor Roberto Medronho, que presidiu a sessão solene da Congregação da FAU em homenagem à data, anunciou um “presente” carregado de simbolismo: a reforma do painel ar-



ALEGRIA Ana Maria com a neta Juliana

tístico em concreto armado da fachada do JMM, criado pelo paisagista Roberto Burle Marx, um antigo sonho da comunidade da FAU. “A Arquitetura tem uma imensa contribuição na vida brasileira, inclusive na área de Saúde. Os arquitetos foram importantes nas ações saneadoras que se seguiram à gripe pelo vírus influenza, inadequadamente chamada de gripe espanhola, no início do século passado”, lembrou Medronho.

O anúncio da recuperação do painel (foto maior, no alto da página) de Burle Marx — que também projetou a ocupação das áreas livres da FAU, com seus jardins geométricos e seus espelhos d’água — emocionou a todos. A vice-reitora Cássia Turci resumiu esse sentimento: “Eu vejo esse auditório lotado de um amor incomensurável. Esse prédio me emocionou muito quando cheguei à UFRJ, há muitos e muitos anos, e continua me emocionando. Vida longa à FAU!”.

CAMINHOS DA HISTÓRIA

O diretor da FAU, professor Guilherme Lassance, destacou que os 80 anos têm como marco a criação da antiga Faculdade Nacional de Arquitetura (FNA), em

1945. “A faculdade passou a funcionar neste edifício a partir de 1961, um projeto de Jorge Machado Moreira e da equipe do então ETUB entre 1949 e 1961”, pontuou Lassance, que fez questão de usar na solenidade a bela medalha dos diretores da FAU, cunhada nos tempos da FNA.

A história da faculdade — e do ensino da Arquitetura no país — é contada em detalhes na exposição FAU Continuidade e no livro FAU 80—200, lançados no dia 17 como parte das comemorações. “O ensino oficial da Arquitetura no Brasil tem origem na criação da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios em 1816, embrião da futura Academia Imperial de Belas Artes, que efetivamente começou a funcionar de forma regular em 1826. Durante os primeiros anos, os professores davam aulas de forma irregular, muitas vezes em suas próprias residências, ao mesmo tempo em que realizavam projetos e obras para a Corte, enquanto se aguardava a conclusão da sede projetada pelo arquiteto francês Grandjean de Montigny. Tudo o que restou dessa sede, demolida em 1938, foi um pórtico que hoje está no Jardim Botânico do Rio de Janeiro”, destacou o diretor da FAU.

A segunda sede da já então Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), sucessora da Academia Imperial, foi projetada por Adolpho Morales de Los Rios, também

professor da escola, e inaugurada em 1908. É o prédio da Avenida Rio Branco que hoje abriga o Museu Nacional de Belas Artes. O curso de Arquitetura da ENBA deu origem à Escola Nacional de Arquitetura em 1937, que em 1945 se tornou a FNA. Depois de um período provisório da Praia Vermelha, a faculdade chegou até a sede da Ilha do Fundão. “Esse patrimônio onde estamos, como outros da UFRJ, foram forjados por profissionais arquitetos formados por esta instituição octogenária e também bicentenária. É muita história”, disse Lassance.

E a história da FAU continua, cada vez mais atrelada a avanços tecnológicos. Após a sessão solene da Congregação, o reitor Roberto Medronho e a vice-reitora Cássia Turci inauguraram o Laboratório Aberto de Inovação e Design (LAID), onde se destaca uma unidade robótica de última geração. “É um laboratório aberto, fruto de uma parceria entre a FAU, a EBA e a Coppe. Temos aqui um robô industrial e outro colaborativo capazes de construir protótipos em escala real”, explicou o professor Gonçalo Castro Henriques, um dos coordenadores do laboratório, que é multiusuário e integra as áreas de Design, Arquitetura, Urbanismo e Engenharia de Materiais. É a FAU desenhando seus novos passos para o futuro.



TECNOLOGIA Gonçalo e Medronho com escultura feita com uso de robôs no LAID